



B0085

FATORES DE RISCO DA INFECÇÃO NEONATAL PRECOCE POR ESTREPTOCOCCO DO GRUPO B EM UMA MATERNIDADE ESCOLA DE CAMPINAS-SP

Arthur Antolini Tavares (Bolsista SAE/UNICAMP) e Profa. Dra. Eliana Martorano Amaral (Orientadora), Faculdade de Ciências Médicas - FCM, UNICAMP

Apenas 1% dos filhos de mães colonizadas por estreptococo do grupo B (EGB) desenvolve infecção neonatal precoce grave. Parto prematuro, ruptura de membranas (RM) acima de 18h, temperatura axilar $\geq 38^{\circ}\text{C}$ no trabalho de parto (TP), infecção urinária por este agente ou antecedente de feto anterior acometido são fatores de risco. Em 2003 implementou-se, como medida profilática, o uso de antibióticos no trabalho de parto por fatores de risco para os casos de RM e TP prematuro. O objetivo deste estudo caso-controle (2:1), pois, foi avaliar a presença de condições associadas a 40 casos confirmados de infecção neonatal precoce nascidos entre 01/1995 a 12/2005 (onze anos), no CAISM/UNICAMP. Houve quadros de sepse (n=23); sepse com meningite e/ou pneumonia (n=10) e meningite ou pneumonia (n=4). A taxa de infecção foi de 1,35 caso/1.000 nascidos-vivos e 65% deles sobreviveram. Parto prematuro atual, óbito neonatal anterior e cesárea por sofrimento fetal foram associados a esta infecção. Com esta casuística, não se observou impacto da antibioticoprofilaxia empírica nas taxas de infecção e mortalidade, porém se confirma a necessidade de avaliar o uso de cultura específica após 35 semanas na rotina pré-natal para orientar a prevenção da infecção neonatal precoce por EGB.

Estreptococo do grupo B - Transmissão vertical - Infecção neonatal